

**A PAISAGEM NA LITERATURA GOIANA: O “MATO GROSSO GOIANO”
NA OBRA DE CARMO BERNARDES**

**THE LANDSCAPE IN GOIÁS LITERATURE: THE “MATO GROSSO
GOIANO” IN CARMO BERNARDES’ LITERATURE**

**EL PAISAJE EN LA LITERATURA GOIANA: EL “MATO GROSSO GOIANO”
EN LA OBRA DE CARMO BERNARDES**

*Estevão Freitas Santos*¹

Universidade de Brasília (UnB), Brasília/DF, Brasil

Resumo: O presente estudo visa destacar o papel de registro da paisagem na literatura memorialista de Carmo Bernardes, autor do regionalismo goiano, que através de seus conhecimentos sobre a natureza, concebe um esboço histórico e geográfico de uma época e de uma sociedade. O objetivo do artigo é analisar a obra “Quarto Crescente – Relembraças”, na qual o autor imprime significativa contribuição às noções sobre o meio ambiente, a ocupação e a degradação do Mato Grosso Goiano, uma região outrora coberta de florestas em Goiás, que foi completamente devastada durante o século XX. A análise da obra revelou que as descrições do autor atuam como um registro da paisagem primitiva, servindo de parâmetro e denúncia frente aos impactos ambientais.

Palavras-chave: Carmo Bernardes; Mato Grosso Goiano; Regionalismo; Geografia; Literatura.

Abstract: The present study aims to highlight the role of a landscape record in the memorialist literature of Carmo Bernardes, author of the regionalism in Goiás, who conceives a historical and geographic outline of an epoch and a society through his knowledge of nature. The article’s purpose is to analyze the memoir “Quarto Crescente – Relembraças”, in which the author gives a significant contribution to the notions of environment, occupation and deforestation of the Mato Grosso Goiano, a region once covered of forests in Goiás, that was completely devastated during the 20th century. An analysis of the book revealed that the descriptions of the author act as a record of the primitive landscape, and as a parameter and complaint against the environmental impacts.

Keywords: Carmo Bernardes; Mato Grosso Goiano; Regionalism; Geography; Literature.

Resumen: El presente estudio tiene como objetivo resaltar el papel del registro del paisaje en la literatura memorial de Carmo Bernardes, autor del regionalismo de Goiás, quien, através de su conocimiento de la naturaleza, concibe un esbozo histórico y geográfico de una época y una sociedad. El objetivo del artículo es analizar la obra “Quarto Crescente – Relembraças”, en la que el autor hace una significativa contribución a las nociones sobre el medio ambiente, la ocupación y la degradación del Mato Grosso Goiano, una región que alguna vez estuvo cubierta de bosques en Goiás, y que fue completamente devastado durante el siglo XX. El análisis de la obra reveló que las descripciones del autor actúan como registro del paisaje primitivo, sirviendo de parámetro y denuncia frente a los impactos ambientales.

Palabras clave: Carmo Bernardes; Mato Grosso Goiano, Regionalismo; Geografía; Literatura.

¹ Vinculado a UniverProjeto Avifauna de Goiás, estevaobirding19@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A literatura brasileira, ao menos desde a geração romântica, é marcada por sensível expressão de um pensamento e sentimento autônomo, que persistiu no tempo e no espaço de manifestação; em princípio, através do espírito nativista e, em seguida, do nacionalista, que asseguraram sua independência em relação à forma portuguesa (Veríssimo, 1998). Foi justamente com a nacionalização das pluralidades de seu conteúdo e linguagem que a literatura nacional alçou o retrato de um autêntico sentimento do país, unindo diferentes criações em escala regional para a recriação de um universo próprio (Paul, 2008).

Além de trazer para um espaço particular as questões gerais do país, como aspecto formal e insistente da ficção romântica (Bosi, 2015), as criações voltadas para o regional contribuíram para o delineamento de tipos locais, associando-os a elementos exteriores e aspectos específicos do meio, de forma a caracterizar o indivíduo e as sociedades e suas interações com o ambiente, privilegiando os contextos e dilemas populares (Almeida, 1985; Oliveira, Machado, 2006). Eis o papel da literatura regional na literatura brasileira, que acrescenta ao sentido estético nacional uma expressão original, superando o particular através da “universalidade da região” (Candido, 2000).

Em se tratando do regionalismo literário brasileiro, prevalece a ficção de caráter localista que explora, em suas diversas manifestações, os aspectos humanos e linguísticos, e seus vínculos com determinados contextos físicos, assumindo importante papel de representação e comprometimento com a realidade (Paul, 2008; Oliveira, 2016). Na visão de Oliveira (2016, p. 94), a literatura regional se associa estreitamente com os elementos representativos da realidade social, datada no contexto de tempo e espaço, contribuindo para indicar os aspectos responsáveis pela formação da paisagem:

A literatura regional, ao emprestar sentido ao universo das experiências vividas no âmbito da história de segmentos excluídos da sociedade, como os camponeses e trabalhadores pobres sem-terra, constitui-se em elemento de representação simbólica de importantes aspectos da realidade social. (Oliveira, 2016, p.94).

Ao construir o esboço da realidade de um local por meio de símbolos e percepções, inserindo-a num contexto físico e humano, a criação literária “cristaliza” um período de tempo em suas páginas (Silva, 2013); tornando-a, portanto, essencialmente geográfica.

Esse caráter pitoresco e exterior da literatura regionalista, seguido pela condensação e deformação da narrativa (Pereira, 1988), segundo a própria experiência e vocação do autor, objetiva ou ficcional, é precisamente o que a confere menor ou maior grau de subordinação à paisagem. Acerca dessa conduta, ressalta Lima (2000, p. 25):

Através das obras literárias de cunho regionalista, podemos analisar o poder de visualização de um quadro ou de uma situação em um dado momento, mediante a percepção do escritor, fundamentada talvez em suas próprias memórias, impressões, observações dos lugares em que viveu ou que, simplesmente, atravessou enquanto viajante, chegando então mais próximo da compreensão do sentido do espaço vivido, graças aos valores universais encontrados em suas obras. (Lima, 2000).

A paisagem figura no regionalismo literário não apenas em seu núcleo socioespacial, voltado para a dinâmica das relações humanas, os costumes locais, o dialeto e a expressão, mas também na caracterização do meio físico, isto é, da exuberância da natureza local – amiúde, de forma idealizada –, centrando-se na relação do homem com a terra.

Segundo Candido (2006), o regionalismo constituiu, antes de tudo, uma forma de autodefinição da consciência local, marcada pelo pitoresco e pela condição de submissão do indivíduo ao sentimento telúrico. Nesse sentido, destaca-se sobremaneira a literatura regionalista sertaneja, notabilizada pelo ‘conto sertanejo’, que reúne as tradições populares, os hábitos e o linguajar rural, ambientados em um cenário peculiar do interior distante e isolado do restante do país (Almeida, 1989; Paul, 2008; Araújo, 2009; Souza, 2009).

A literatura regionalista produzida em Goiás, no decorrer do século XX, foi marcada pela prosa de ficção, inicialmente influenciada por autores mineiros, em cujas narrativas a paisagem local era constantemente enaltecida (Teles, 2007). Diversos autores goianos relataram autênticas sagas do ambiente rural, nas quais o homem e a sociedade do campo aparecem como protagonistas, circunscritos às condições ásperas e rudes do meio natural, do qual tiravam seu sustento e nutriam um senso de pertencimento, frente à exuberância encantadora do sertão (Santos, 2007; Paul, 2008; Silva, 2013. Oliveira, 2016).

Na literatura goiana, o escritor Carmo Bernardes (1915 – 1996) mostrou singularidade entre seus pares, através de apreciável habilidade descritiva, e da união da tradição popular ao seu repertório individual, mesclando a narrativa ficcional à memória do povo

e do local, de forma a promover um registro físico, social e cultural do interior goiano (Souza, 2009; Silva, 2013). Conforme Araújo (2009), sua narrativa abarcava “ um levantamento de costumes, paisagens e tipos humanos”.

Com efeito, os textos de Carmo Bernardes, curioso investigador do meio, trazem rica bagagem de conhecimentos acerca do espaço, sobretudo no que diz respeito à natureza do sertão, articulando-se geograficamente com todos os seus componentes – não apenas o ser humano, mas, antes, os animais e vegetais, acidentes geográficos e cursos d’água. Segundo Leite (1997), essa capacidade de nomear o espaço recriado é o que confere ao grande escritor regionalista sua excelência.

Isto posto, Carmo exceu pelo profundo conhecimento que adquiriu sobre a natureza goiana, que figura não apenas em suas obras, mas também em contribuições jornalísticas e até acadêmicas deixadas pelo autor (Bernardes, 1995). Em muitos de seus livros de contos e crônicas, a saber, “Ressurreição de Um Caçador de Gatos” (1991), “Jângala: Complexo do Araguaia” (1994) e “Selva: Bichos e Gente” (2003), o escritor revela sua índole ecológica, extrapolando a narrativa curta dos ‘causos’ e ambientando-os de forma consistente, aparecendo a fauna, a flora e a paisagem como elementos centrais.

Suas histórias se passam nas serras do norte de Goiás, no rio Araguaia ou nas florestas do Mato Grosso Goiano, e, do ponto de vista geográfico, servem como testemunho da realidade dessas paisagens no contexto simbólico e cronológico em que foram descritas, isto é, ao longo do século XX. Olanda e Almeida (2008, p. 28) ressaltam o valor de documentação histórica em “Jurubatuba” (1979), alegando que, na obra, há um registro da realidade sertaneja, das relações sociais, da topografia e da vegetação na década de 1950, dando a noção de identificadores do lugar geográfico (Monteiro, 2002).

Em razão de sua situação estreitamente histórica e geográfica, a literatura de Goiás, segundo Oliveira (2016), contribui para a apreensão de elementos construtivos da cultura e da identidade dos povos que ocuparam e ocupam esses territórios. Nesse sentido, muito se pode conhecer a respeito da realidade social e natural do sertão goiano – e da “gente camponesa” através das produções literárias (Pessoa, 1996; Oliveira, 2016). Assim, a literatura supera o caráter estético e ficcional, e passa a ser uma referência agregadora ao conhecimento do meio físico e seus aspectos em um determinado período de tempo

(Silva, 2013), revelando os processos que deram origem e que modificaram a paisagem no desenrolar das ocupações humanas, que a tornam essencialmente dinâmica.

Levando em consideração o caráter extra-ficcional e memorialista das narrativas de Carmo Bernardes, ancoradas em extenso arcabouço de saberes e conhecimentos do autor sobre a natureza de sua terra, o presente estudo procura destacar as contribuições ao conhecimento geográfico da paisagem natural de Goiás contidas nas obras de Carmo, apresentando-as como objetos de investigação pela comunidade acadêmica. Neste caso, tratamos particularmente do “Mato Grosso Goiano”, paisagem minuciosamente descrita e desvelada por Bernardes na obra *Quarto Crescente – Relembrações* (1986), uma narrativa autobiográfica que relata sua trajetória no universo rural, passando pelo avanço da fronteira agrícola e pelo desmatamento até sua mudança definitiva para a cidade.

2. “QUARTO CRESCENTE” E A VIDA DE CARMO BERNARDES

Carmo Bernardes nasceu em dezembro de 1915, em Patos de Minas, no interior de Minas Gerais, mas, quando ainda contava cinco anos de idade, sua família já se mudava para Goiás, onde o escritor passou todo o restante da vida, e cujo território e costumes conheceu e descreveu como ninguém (Paul, 2008). Em suas obras memorialistas, Carmo narra os dilemas e desafios da trajetória de sua família quando de mudança para o território goiano; de início, a Formosa, e, posteriormente, às imediações de Anápolis, onde fixaram residência no ano de 1925 (Bernardes, 1981; 1986).

Carmo residiu na zona rural, no entorno da cidade de Anápolis, até o ano de 1945, quando, segundo revela o escritor, saiu da roça definitivamente (Bernardes, 1986), transferindo-se mais tarde para Goiânia, em 1959. No período de mais de vinte anos que morou no município de Anápolis, Carmo se dedicou aos ofícios e atividades rurais que lhe foram ensinadas por seu pai, Luiz Bernardes da Costa. Por anos a fio, Carmo atuou como ajudante de seu pai num engenho-de-serra, no qual fabricavam peças a partir de toras de madeira retiradas nas matas da própria região, o que proporcionou ao escritor conhecimentos sobre diversos assuntos florestais (Paul, 2008).

Bernardes relata os pormenores do trabalho de carpintaria, bem como o cotidiano de sua vida em Anápolis, na obra “Quarto Crescente – Relembrações”, publicada em duas edições, no ano de 1986. Conforme expõe Ferreira (*in* Bernardes, 1986), no prefácio à 1ª edição, a relevância desse trabalho memorial reside na exposição das lembranças do autor, que envolvem desde sua infância até a fase adulta, a sociedade local e a família, e retrata os costumes, a vida, a filosofia e “a alma da gente no campo goiano”, destacando-se pela revelação de uma época da história sociocultural e política de Goiás, como “fonte valiosa para os modernos pesquisadores” (Ferreira *in* Bernardes, 1986, p.17).

Ainda no corpo do livro, Braz José Coelho, em seu prefácio à 2ª edição, ressalta a dimensão ecológica e sociológica do trabalho linguístico e cultural realizado por Carmo Bernardes através dessa publicação, mencionando que:

“[...] O que faz Carmo Bernardes importante não é só o conteúdo roceiro, e ao mesmo tempo universal – verdadeira recuperação da memória coletiva e da cultura de um povo que estão sendo sufocados pela rápida transformação econômico-social – que ele nos tem para dizer, mas também o modo roceiro (dialeto e socioleto oficialmente desprestigiados) com que nos diz todo o seu universo rico de experiências” (Coelho *in* Bernardes, 1986, p. 22).

Além de relatar com precisão histórica e verossimilhança os mais variados temas que concernem à realidade do indivíduo e da sociedade no interior de Goiás, dando enfoque para seus modos de se relacionar com o meio, Carmo Bernardes, como autêntico “doutor do sertão”, descreve com sabedoria e experiência, nos textos de “Quarto Crescente”, a paisagem quase virgem e exuberante da natureza que o cercava, mais precisamente, o cenário pujante do Mato Grosso Goiano, à época, ainda bastante conservado. O “Mato Grosso” aludido por Carmo é, na verdade, uma extensa área de floresta tropical que uma vez se estendeu por quase todo o centro-norte do estado de Goiás, cobrindo área superior a 40.000 km², tendo sido completamente desflorestado ainda no século XX (Faissol, 1952; Oliveira-Filho; Ratter, 1995; Dutra e Silva, 2017).

O escritor mineiro chegou ao Mato Grosso Goiano, em Anápolis, ainda muito jovem, e suas primeiras impressões sobre o cenário, no corpo de “Quarto Crescente”, se passam entre 1926 e 1927, quando somava, mais ou menos, 12 anos de idade. Recém-chegado da mudança com a família, Carmo se deparou com um quadro paisagístico ainda primitivo,

alegando que a mata “virgem e sombria” ainda se achava pouco “descortinada”, havendo poucas clareiras abertas em seu interior pela devastação (Bernardes, 1986, p. 41).

Em “Quarto Crescente”, Carmo Bernardes insere diversas informações de relevante interesse biológico e geográfico, tais como os nomes de árvores e demais plantas típicas da região, bem como sua utilidade para o homem e a fauna; as espécies de animais, que existiam em grande quantidade antes do desmatamento extensivo, além de rios, córregos, e serras, e a feição geral da vegetação e da paisagem florestal que caracterizava o Mato Grosso Goiano, num período ainda pouco perturbado pelas ações antrópicas.

Entretanto, um dos traços mais chamativos, do ponto de vista desde estudo, no relato de Carmo, é a reprodução de uma temática ecológica e ambiental com profundo senso de preocupação conservacionista, demonstrada pelo autor não apenas nesta, mas em toda a dimensão de sua obra. Em se tratando do Mato Grosso Goiano, o escritor faz recorrentes apelos à irrefreável devastação que começava a se impor sobre a floresta primeva, levando à lume, no âmbito da literatura e da historiografia, os diferentes processos de ocupação dessa paisagem, delimitados por fatores sociais ligados às tendências políticas da década de 1930 (James, 1953; Oliveira, 2016; Dutra e Silva, 2008; 2017).

3. O MATO GROSSO GOIANO: CARACTERIZAÇÃO DA PAISAGEM

Antes das ocupações antrópicas, o estado de Goiás, bem como o restante do domínio fitogeográfico do Cerrado, era revestido por um complexo mosaico paisagístico, no qual fitofisionomias campestres, savânicas e florestais dispunham-se alternadamente, segundo a influência de fatores edáficos, hídricos e climáticos (Ab’saber, 1983; Ribeiro; Walter, 2008). Embora o cerrado, propriamente dito, tenha ocupado quase a totalidade desse território, florestas aí também existiam, não obstante limitadas a corredores nos fundos de vales, ou a manchas em solos férteis (Ab’Saber, 2003). Dentre essas manchas, o chamado Mato Grosso Goiano, sendo um vasto enclave de florestas tropicais, é por certo a que mais se destaca no contexto geográfico de Goiás.

O Mato Grosso Goiano, conforme subentende-se pelo próprio nome, designa uma extensa cobertura de floresta tropical estacional que revestia ao menos uma décima parte

do território goiano, numa área compreendida entre 20.000 e 40.000 km², constituída por uma associação mais ou menos contínua entre matas vinculadas a condições pedológicas e hídricas de exceção (Faissol, 1952; Ab'Saber, 1963; Hueck, 1972; Moura; Bucci, 2009; Dutra e Silva *et al.*, 2015). Faissol (1952, p. 7), que estudou essa região meticulosamente, na década de 1940, atribuía tamanha importância geográfica à paisagem do “Mato Grosso” que sugeriu nomeá-la como a “Zona da Mata” goiana, tendo em vista o processo de ocupação e desflorestamento que começava a se acentuar.

Entre a primeira e a segunda metade do século XX, o Mato Grosso Goiano, que até a data não havia sido sistematicamente estudado, foi investigado pelas pesquisas de Waibel (1948) e Faissol (1952), ambos da divisão geográfica do IBGE. Seus trabalhos, voltados tanto para as bases físicas da terra quanto para os movimentos sociais da época e sua ocupação, contribuíram substancialmente para o conhecimento dessa paisagem. Além de classificar a cobertura florestal conforme a região – nomeando as “Matas de São Patrício”, a “Mata de Santa Luzia” e a “Mata da Posse” -, Faissol (1952) identificou duas categorias fitofisionômicas no “Mato Grosso”: as matas de primeira e de segunda classe.

As matas de primeira classe, tendo coberto significativa parte do Mato Grosso Goiano, caracterizavam-se por serem bem estratificadas, com árvores de troncos linheiros e copas fechadas, elevando-se acima de 30 m de altura. Era comum a existência de epífitas e palmeiras (*Syagrus oleracea* Mart.) no interior da vegetação, que, à conta da espessa abóboba foliar, mantinha-se sombria mesmo durante os períodos mais secos (Waibel, 1948; Faissol, 1952). Segundo Waibel (1948, p. 342), algumas árvores típicas desses trechos de floresta eram o jatobá (*Hymenaea courbaril* L.), o cedro (*Cedrela fissilis* Vell.), a peroba (*Aspidosperma cylindrocarpon* Muell. Arg.) e a paineira (*Ceiba speciosa* A. St.-Hill), cujos troncos colunares remetiam aos das árvores das típicas florestas pluviais.

Além de sua pujança fisionômica, essas matas se destacavam por ocorrer apenas em solos de excelente qualidade, friáveis e ricos em húmus e água, o que suscitou sua rápida devastação. Faissol (1952, p. 24 - 27), tendo visitado os diferentes setores do Mato Grosso Goiano, notara que as partes mais afastadas e menos povoadas ainda mantinham sua vegetação em bom estado de conservação, com árvores altas e exuberantes, enquanto nos trechos que começavam a ser ocupados, tais como o entorno de Goiânia e a Mata de São Patrício, essas florestas já haviam sido substituídas pela lavoura e pelas pastagens.

O processo de devastação da paisagem do Mato Grosso Goiano, constatado pelos geógrafos e também por Carmo Bernardes (1986), se deu de forma acelerada e destrutiva, tendo sido pulverizado por alguns fatores de ordem social e política que o influenciaram: a expansão da malha ferroviária, a construção de Goiânia, a nova capital, e a expansão da fronteira agrícola, que avançava sobre as faixa pioneira da vegetação florestal, favorecida pela instalação de uma Colônia Agrícola no norte dessa região (Faissol, 1952; Dutra e Silva, 2013; 2017). Entre os anos de 1940 e 1950, a população da região mais que dobrou, e, a partir dos anos 50, mais de 70% do Mato Grosso Goiano já havia sido desflorestado para o uso agrícola (James, 1953; Giustina *et al.*, 2018).

Atualmente, a região do extinto Mato Grosso Goiano encontra-se densamente povoada e perturbada por atividades antrópicas, faltando quaisquer vestígios das grandes florestas que outrora ocupavam este território. Embora parte da vegetação tenha se regenerado em pequenas áreas, essas matas, uma vez desmatadas, jamais recuperam suas características originais, tornando-se capoeiras ralas e empobrecidas (Rizzini, 1997). Sendo assim, apesar de recente, o desaparecimento dessa paisagem dificulta sua classificação florística e biogeográfica, bem como a estimativa de sua dimensão original (Dutra e Silva *et al.*, 2015; Dutra e Silva, 2017).

Em razão do acelerado processo de desflorestamento, os poucos conhecimentos mais sistemáticos disponíveis acerca da paisagem do Mato Grosso Goiano encontram-se nos estudos de Waibel (1948) e Faissol (1952), que registraram o processo de degradação. Entretanto, também provêm dos relatos, narrativas e epístolas de antigos viajantes e cronistas dos séculos XIX e XX relevantes informações sobre a vegetação em seu aspecto primevo, quando de sua passagem pelo território goiano (Dutra e Silva, 2008, 2017; Wüst, 2019). Entre eles, têm destaque as obras de Saint-Hilaire (1845), Pohl (1876) e Glaziou (1895), além de Ule (*in* Cruls, 2012) e Magalhães (2004), que efetivamente visitaram o Mato Grosso Goiano em seu itinerário pela região (Rizzo, 2005; Dutra e Silva *et al.* 2015, Dutra e Silva, 2017).

Esses viajantes descreveram a paisagem conforme a vislumbraram em seu caminho, numa época de ocupação ainda incipiente, fazendo diversos apontamentos sobre o aspecto denso e exuberante da vegetação, a altura de suas árvores e o frescor em seu interior, estimando também, em alguns casos, as dimensões originais da área florestada. Conforme

apontado por Dutra e Silva (2017, p. 109), “as anotações desses estudiosos sobre o Mato Grosso Goiano são breves, mas relevantes do ponto de vista histórico, e incorporam uma perspectiva científica”.

Diversos estudos (e.g., Rizzo, 2005; Barbalho *et al.*, 2015; Dutra e Silva *et al.*, 2015; Dutra e Silva, 2017; Giustina *et al.*, 2018) aproveitaram-se das informações contidas na literatura desses viajantes para resgatar um esboço da paisagem primitiva do Mato Grosso Goiano. Dutra e Silva (2017, p. 113), inclusive, utilizou-se dos relatos de escritores, jornalistas e romancistas norte-americanos que chegaram à região durante a expansão das frentes pioneiras, valorizando sua produção literária como registro do contexto histórico e geográfico.

Apesar disso, poucos estudos de caráter geográfico parecem ter recorrido às narrativas memorialistas dos autores goianos para recuperar informações relativas ao Mato Grosso Goiano, os processos de modificação da paisagem e, sobretudo, seus atributos ecológicos. Nesse sentido, procuramos chamar atenção para a literatura de Carmo Bernardes – e, mais especificamente, para a obra *Quarto Crescente – Relembrações* (1986) – como mais uma fonte de investigação sobre este ecossistema extinto e pouco conhecido.

3.1. O MATO GROSSO GOIANO SOB O OLHAR DE CARMO BERNARDES

Nos textos de “Quarto Crescente”, Carmo Bernardes explora o contexto de expansão da fronteira agrícola e o desmatamento do Mato Grosso Goiano a partir de seu ponto de vista de habitante da zona rural, diretamente vinculado à terra e às mudanças que viriam a acometê-la (Oliveira, 2016). Segundo Santos (2007, p. 68), a saga de Carmo toma “feições de uma epopeia”, ao descrever o ambiente virgem do “Mato Grosso” que recebia numerosas levas de migrantes que ambicionavam as novas terras.

A família de Carmo Bernardes, com efeito, foi parte desse processo de deslocamento em busca de melhores terras – que se acentuou a partir da década de 1940 – tendo chegado ao Mato Grosso Goiano, no município de Anápolis, em meados de 1926. No início de seu relato, Carmo descreve a chegada à região exuberante e primeva:

Mudávamos de Formosa para o município de Anápolis quando suspendi o relato do meu passado. Novembro de 1926, as chuvas ainda não haviam começado de todo, e é como se eu sentisse agora o cheiro balsâmico do cipoal enflorescido. Os primeiros devastadores da mata virgem, vinculados à natureza, obedientes à vocação da terra e do clima, deixavam as palhadas das roças no terceiro ano de planta formadas em capim jaraguá [...], e com ele iam-se formando as invernadas. Nas poucas clareiras que a devastação já tinha aberto no famoso Mato Grosso de Goiás, naquele novembro de chuva mal pegada, a brota macia ou tenra do jaraguá bem formado ia à altura de palmo. (Bernardes, 1986, p. 41).

É notável que as impressões de Carmo, ainda recém-chegado ao “Mato Grosso”, que começava a ser “desvirginado”, já descreviam a devastação localizada que começava a se impor sobre a floresta. O escritor menciona o processo de abertura das primeiras clareiras na mata, que era feito sob interessante técnica, já que os desmatadores, “obedientes à vocação da terra e do clima”, precisavam esperar ao menos três anos para fazer uso das pastagens descortinadas, onde desenvolvia-se o capim-jaraguá (*Hyparrhenia rufa* Stapf.), que servia de alimento às criações. Nota-se que, nos anos iniciais de ocupação, a abertura da vegetação ainda era feita com alguma moderação, e em pequena escala.

Todavia, a paisagem não se manteria assim por muito tempo. A devastação acentuada levaria a floresta a desaparecer completamente, para dar lugar às pastagens e culturas. Já na década de 1980, quando Carmo redigia este relato para a sua obra, ele aponta:

Quem vê hoje as vastidões verdes de capim jaraguá, subindo e descendo morros de uma vertente a outra em meio mundo de muitos mil quilômetros quadrados, nem por leve faz ideia da *mataria grossa e imensa que cobria isso tudo* (grifo meu). (BERNARDES, 1986, p. 61).

Outra situação regularmente descrita por Carmo Bernardes é a dificuldade que ele e sua família encontraram para se aclimatar à região, tendo saído de uma chapada aberta e alta para uma zona de floresta espessa e sombria, muito úmida, na qual diversas doenças tropicais e verminoses assolavam a população. Segundo o autor, “não pode haver lugar algum de boa cultura – terra roxa visguenta, a massapê legítima – em que o povo não seja castigado com o mal da opilação.”. As verminoses, que na região tinham o nome de “biru”, segundo Carmo, mataram vários moradores do local em pouco tempo:

O caboclo amarelo, que tinha inchaço na boca do estômago e vivia sempre de cara ruim [...], era chamado de “biruzento”. E era um disparate deles assim; e, quando um caía doente com umas febres esquisitas, podia-se tratar de fazer o caixão. O lugar era desrecursado [sic], nem um raizeiro bom para tratar existia. [...] Davam umas obradeiras e umas vomitadeiras [sic], um assolo nas populações, morriam crianças e pessoas de mais idade, assim como galinha na peste, que também castigava os terreiros. Uma coisa medonha. (Bernardes, 1986, p. 46).

Carmo reitera que “as matas eram deveras doentias”, indicando que as diversas febres e epidemias prejudicavam o cotidiano de todos os moradores da região. “No tempo em que a floresta existia ainda pouco descortinada”, o escritor acusa a existência de moléstias típicas das zonas interioranas, como a “ferida-braba” ou “úlcerade-bauru”, as anemias, os resfriados e as gripes, que se acentuavam sobretudo na época das chuvas. Ele alega que a pronunciada umidade do local, aliada às chuvas torrenciais, aos lamaceiros e aos muitos poços d’água parada contribuíam para o cenário de proliferação de doenças.

Na ocasião em que fora acometido por uma dessas moléstias, ainda na sua infância, Carmo Bernardes só pôde ser tratado com os procedimentos fitoterápicos que sua mãe, dona Sinhana, conhecia bem, a partir da colheita de vegetais da região. Ele menciona uma rubiácea típica do Mato Grosso Goiano, a poaia ou ipeca (*Carapichea ipecacuanha* Brot.), como um importante medicamento natural, que deveria ser “tomada de hora em hora, na dose de uma polegada da raizinha, medida no dedo polegar do próprio doente, machucada e posta de molho a macerar na água fria, regulando três tigelas rasas” (p.100).

Além das numerosas enfermidades, que espalhavam-se rapidamente naquela época, em virtude da carência de medidas profiláticas, Carmo narra as adversidades e perigos a que os moradores daquela região afastada estavam cotidianamente submetidos, em suas atividades diárias. Um desses perigos era a constante presença de serpentes peçonhentas, entre as quais o autor destaca o jararacuçu (*Bothrops moojeni*): “no tempo das capinas, muitos morriam ofendidos de bicho mau. Jaracuçu e jararaquinha-do-rabo-branco era uma coisa medonha o tanto que existia. E nunca se viu tão venenosas.” (p.47). Devido à desassistência da vizinhança, o único recurso viável para o tratamento dessas picadas era a técnica rudimentar, pouco conhecida na atualidade, e que Carmo viu ser aplicada:

Minha mãe mesmo foi ofendida de um jaracuçu em que ela pisou, na biquinha, de noite, quando foi lavar uns pratos. Passou mal demais, escureceu-lhe [sic] a vista, vomitou muito. Escapou porque meu padrinho Olímpio [...] encheu a boca de fumo, na horinha mesma que ela veio correndo dizendo que estava ofendida de cobra, arranhou a cesura com a ponta do canivete, amarrou uma embira de algodoeiro na perna dela, em cima, e chupou no duro mesmo, até a dor aliviar. (Bernardes, 1986, p. 47-48).

Além das picadas de serpentes, haviam acidentes regulares no período de derrubada das matas para a criação de roçados, quando muitos morriam com a queda das árvores. “No tempo das derrubadas de roça, não passava sem morrer mais de um com galho de pau que caía em cima.” (p.47). Mesmo assim, uma das maiores dificuldades relatadas por Carmo estava no uso da água da região, que mais se parecia com um “caldo de folhas maceradas”, sendo grossas, salobras e péssimas para a lavagem e a ingestão. Disso se originavam vários ditos populares, que comparavam as águas do “Mato Grosso” a “vinho de pau”. A explicação para este fenômeno fora aclarada pelo avô de Carmo:

[...] Pelo gosto e, conforme fosse, até pelo cheiro, podia-se sentir que das árvores da mata virgem escorriam seiva nas nascentes e pelos minadouros dos ribeirões. Por isto é que as águas vinham salobras, como que seivosas e que, no ensaboar, o sabão coalhava, com sua fortidão de potássio neutralizada. [...] Até que as pancadas purificadoras das chuvas e os enxurros perenes das invernias alcançassem a caixa dos corguinhos [sic] e ribeirões, o caldo já havia demorado dias e mais dias ancorado nas tranças fechadas das ramagens debaixo do mato, lavando e enxaguando toda a imensa vegetação, curtido o folhiço seco caído no verão, derretido galhos podres, orelhas-de-pau, cogumelos [...] (Bernardes, 1986, p. 58-59).

Ao aludir a baixa qualidade das águas do Mato Grosso Goiano, o escritor ainda fala da privação de frutas silvestres na região, que, por outro lado, eram comuns nos cerrados e campos. Segundo Carmo, “o mato crioulo, de cultura boa, é pobre de frutas” (p.50), e, entre as poucas espécies de árvores frutíferas ali encontradas, mencionam-se a guapeva (*Pouteria torta* Mart.), o bacupari (*Cheiloclinium cognatum* Miers), no qual dificilmente se achavam frutas sadias, estando quase todas “bichadas”; um gravatá (Bromeliaceae) “de cabeça chata”, uma pitanga (Myrtaceae) “de tronco liso, própria dos ribeirões”, o ingá-rósario (*Inga cylindrica* Vell.) e o juá (*Solanum aculeatissimum* Jacq.).

Carmo Bernardes, ao elencar as espécies atrativas para o consumo, entre a flora local, ainda menciona três espécies de coqueiros (Arecaceae) provedoras de saborosos frutos: a guariroba (*Syagrus oleracea* Mart.), “macia e gostosa”, e o coquinho-jerivá (*Syagrus romanzoffiana* Cham.), “vermelhinho e pregoso”, além da macaúba (*Acrocomia aculeata* Jacq.), que, segundo o autor, “nesses nossos terrenos de massapê, tem a casca pregada, a carne dele é um visgo desenxabido à toa” (p.50). Através dessa relação de plantas e seus usos, Carmo faz importante contribuição ao conhecimento botânico da região do Mato Grosso Goiano, citando diversas espécies vegetais que faziam parte de seu cotidiano.

Em certo trecho, o escritor descreve as divisas da região como “um espigão divisor afora, tudo mato escuro, de guarirobal topando as pontas.” (p.35). O aspecto da paisagem, conforme descrito nesse trecho, se relaciona com as passagens de Waibel (1948) e Faissol (1952), que apontam a guariroba (*Syagrus oleracea* Mart.) como uma espécie de palmeira marcante naquela paisagem. Faissol (1952) ainda afirma que um indício de que nas áreas desmatadas já houvera uma mata de primeira classe, era a presença de um grande número de palmeiras dessa espécie, que ocorriam sobretudo nos solos mais férteis.

Ainda de acordo com Faissol (1952) e Dutra e Silva (2017), outro recorrente indicador da fertilidade edáfica, no Mato Grosso Goiano, era uma espécie de forrageira conhecida como papuã ou “pampua”, uma poácea nativa, que crescia nas matas secundárias, outrora atingidas pelo fogo. Carmo Bernardes menciona essa planta ao caracterizar a região, que, segundo ele, era toda de “mato virgem, culturama de papuã e tabocal” (p. 97).

O escritor regularmente atestava a qualidade dos terrenos do “Mato Grosso”, bem como sua característica florestal, a partir de menções à presença ou à ausência de certas espécies de vegetais. Nesse caso, Carmo se refere a um tipo de palmeira rasteira, própria dos cerrados, conhecida como coqueirinho-cabeçudo (*Butia archeri* Glassman), que, por sua preferência por áreas abertas, jamais era encontrada nas florestas dessa região:

A fim de deixar bem definida a qualidade dos terrenos ali, na Cachoeira dos Ivo, fazenda de seo-Clemente Cunha, digo que naquelas culturas não dá o coqueirinho-cabeçudo. E a palha própria da trança do chapéu de palha é tirada do broto desse coqueiro. Quando eu tinha que faer um chapéu, o jeito era encomendar ou ir decretadamente [sic] buscar as palhas nos campos agrestes das beiras de Anápolis. (Bernardes, 1986, p. 133).

Carmo ainda vai além, em suas menções sobre a flora característica do Mato Grosso Goiano, quando descreve o delicado processo de fabricação de um carro de bois, que seu pai lhe ensinara quando ainda trabalhava como ajudante no engenho-de-serra. O escritor indica as espécies de árvores da região – e as madeiras – mais adequadas para a produção de diferentes tipos de peças. Entre elas, diz que “a madeira especial do carro de bois é o bálsamo”, conquanto pudessem ser utilizadas, na falta deste, “o angico, o jatobá, o pequi e o angelim.” (p. 147). Sobre a presença do bálsamo (*Myroxylon peruiferum* L. F.), uma espécie típica da Mata Atlântica, no Mato Grosso Goiano, observa:

Não cheguei a fazer mesa de carro com chedas de bálsamo, nem tenho lembranças de ter visto algum assim. Não porque o bálsamo seja inferior nesse caso. É que o bálsamo só dá tronco linheiro. É madeira criada no centro das matas, gosta de dar nas cabeceiras dos grotões; ao crescer, o tronco estica e a copa sobe para as alturas, puxada pela luz [...] Certo é que, menos os chumaços e os fueiros, todas as restantes peças de um carro de bois, o bom mesmo, hão de ser de bálsamo, o que não pôde ser no Mato Grosso goiano, onde o bálsamo sempre foi muito escasso. Rodaram muitos carros feitos de outras madeiras, a maior parte deles de angico, com as peças miúdas de ipê. (Bernardes, 1986, p. 148 – 149).

De acordo com seu pormenorizado relato, o bálsamo seria vantajoso por ser “madeira de grã muito fina”, e exalar um aroma bastante agradável, que segundo Carmo, jamais desaparecia, e refazia os boiadeiros das fadigas do dia com seu “perfume balsâmico e medicinal, que abre os brônquios, e o faz dormir outra vez sono pesado.” (p.148). Além dessa rara fabácea, o autor ainda cita outras árvores da região aplicadas na fabricação do carro de bois: o ipê-roxo (*Handroanthus impetiginosus* Mart.) ou amarelo (*Handroanthus serratifolius* Vahl.), a garapa (*Apuleia leiocarpa* Vogel) e a folha-de-bolo (*Platycyamus regnellii* Benth.). O par de chumaços, segundo Carmo, deveria “ser de madeira branca”, das quais alude o tamboril (*Enterolobium contortisiliquum* Vell.), o araticum (*Rollinia mucosa* Jacq.) e a sangra-d’água (*Croton urucurana* Bail.) (p.150).

Além da flora, Carmo Bernardes esboça minucioso relato acerca da fauna do Mato Grosso Goiano, no tempo em que a floresta ainda estava primitivamente conservada. Ele descreve as espécies mais comuns da região, a estranha escassez de mamíferos em certas

partes da mata, e os processos de caça predatória que se acentuaram com a ocupação da região, culminando na extinção de diversos animais. No início de sua narrativa, o escritor, que recompõe o cenário insalubre e enfermizo das matas tropicais, aponta:

O ser pouco numerosa a fauna do Mato Grosso Goiano, fora o porco-queixada, que esse havia a danar, era um caso que tinha de ter uma razão qualquer explicável. Tantas matas em que ninguém andava, tantos soturnos e tantas bibocas, e a bicharada não era muita [...]. Nesse caso, fazendo indagações, temos que pensar e atentar por um raciocínio de que, se o lugar não era lá essas coisas, nada para criar e nem muito sadio para se morar – com tantas pestes que atacavam as criações, verminose demais, [...], ferida braba, diarreias e lanças [sic] que em vinte e quatro horas matavam, [...] se havia tudo isto contra as criações domésticas e gente, o mesmo deveria se dar com as selvagerias do mato (Bernardes, 1986, p. 61).

O porco-queixada (*Tayassu pecari*), particularmente, figura em diversos relatos desse autor, por ter sido uma das espécies mais perseguidas pela caça na região. Carmo indica que, uma das causas da extinção dessa espécie no Mato Grosso Goiano, é o grande valor comercial que sua pele tinha: “a pele do queixada é uma das de maior extração de tudo quanto é bicho de pelo, e a sua carne é considerada a mais saborosa de todos os animais selvagens do mundo.” (p. 183). Com efeito, a espécie parece mesmo ter sido abundante na região antes da caça predatória, visto que Magalhães (2004, p. 75) também relata ter encontrado bandos com centenas e até milhares de indivíduos no trecho norte do “Mato Grosso”, nas matas de São Patrício, ainda no início do século XX.

Conforme Carmo, em meados da década de 1940, quando a ocupação humana já havia dizimado grande parte da floresta, os últimos bandos de queixadas só existiam no maior “talhão de mata” da região, que era estimado em 5.000 hectares, e pertencia à fazenda de Antônio Damaso. Essa população foi rapidamente dizimada, em razão da pressão da caça e da fragmentação, já que, segundo aponta o escritor, “esses bichos só podem sobreviver em manadas, e como são andejos por natureza, têm que dispor de um trato muito grande de mata virgem para as suas andanças e correrias” (p. 182).

Um dos trechos mais importantes da obra de Carmo Bernardes, do ponto de vista da história ambiental, é o esboço histórico que faz o autor acerca do início da caça predatória e da devastação em larga escala, que se intensificou ao longo do século. Em princípio, ele conta que “a mata virgem do município de Anápolis foi cortada e as glebas entregues aos

seus requerentes no principinho [sic] do século”, no ano de 1908. Nessa mesma época, diz o autor, “uns caçadores da Goiabeira, hoje cidade de Inhumas, tinham feito uma roça para matar bicho no centro da mata virgem”. Nesse período remoto, os únicos produtos mais lucrativos, que circulavam na região, eram “fumo de rolo e pele silvestre” (p. 165).

Anos depois, continua Carmo, “tinha vindo de Patos de Minas um Antônio Dâmaso, que entrou fazendo picada na mata, e se afazendou requerendo ao Estado uma gleba tão vasta que englobava todas as vertentes da cabeceira do ribeirão Capoeirão” (p. 164). A atual cidade de Damolândia, no centro do Mato Grosso Goiano, se originou a partir dessa gleba, que foi sendo povoada por imigrantes vindos de Patos de Minas e Patrocínio:

Capoeirão, o nome primitivo da cidade de Damolândia e do ribeirão, veio de uma capoeira dessas, que os caçadores de Goiabeira fizeram para matar bichos, na antiguidade. A certidão deixada pela clareira no soturno da mata virgem serviu de indicação dada para instruir o requerimento da gleba que, no título definitivo outorgado pelo governo, fiou com o nome de Fazenda do Capoeirão. (Bernardes, 1986, p. 165).

Os caçadores, quando abriram essas pequenas clareiras de cultivo para atrair a fauna, não perseguiram apenas os porcos-queixada, mas diversas outras espécies que viriam a desaparecer. Relata Carmo que “atrás dos porcos vinham as onças, os gatos jaguatiricas”, e os quiabeiros “atraíam os veados.” (p. 165). O escritor se refere às duas espécies de cervídeos que ocorriam na região, tendo uma delas sido extinta ainda na época:

Além do veado-mateiro, havia uma espécie, hoje totalmente desaparecida, um veado chamado guatapará, cuja pele era das mais valorizadas, mesmo no lugar, sem ser preciso exportar pra longe. Uma parrelha de couro de guatapará dava um laço de doze braças, o chá do peão caprichoso. (Bernardes, 1986, p. 165).

O estranho cervídeo a que Carmo se refere como “guatapará” é, por certo, o robusto e inconspícuo *Mazama americana*, espécie rara no Brasil Central, e exigente de grandes florestas, enquanto o “veado-mateiro”, contrariando o nome usual, deve ser atribuído a *Mazama gouazoubira*, espécie de menor porte. Ainda conforme o escritor, o couro dessas espécies era muito utilizado na confecção de correias e laços, por ser muito resistente.

Além desses mamíferos, Carmo Bernardes ainda menciona uma espécie de tatu que, segundo ele, era a menor entre a família, sendo que suas duas mãos, quando criança, eram

suficientes para abarcar um espécime. O autor dá à espécie os nomes de “tatuíra” ou “tatu-folha”, afirmando que os filhotes eram pouco maiores que um morango:

Tenho em lembrança uma espécie de tatu que havia lá, que desapareceu, extinguiu-se completamente. [...] O lugar dele era daqui para São Paulo, nas manchas de terra roxa massapé. Muito molezinho e delicado, desapareceu fa face da terra antes de ser conhecido da ciência [...] O menorzinho de todos, de todas as espécies de tatu que por cá existiram, tanto os dos campos como os dos matos. Chamado tatuíra. (Bernardes, 1986, p. 142).

Apesar de alegar que essa espécie desapareceu, e que extinguiu-se completamente antes de ser conhecida, é provável que Carmo estivesse se referindo ao tatuí (*Dasypus septemcinctus*), também chamado de tatu-mulita, que existe até os dias de hoje e não está situado em nenhuma categoria de ameaça. De fato, trata-se da menor espécie do grupo, com comprimento total de pouco mais de 20 centímetros (FEIJÓ *et al.*, 2018).

Carmo atribui ao desaparecimento dessa espécie de tatu a pronunciada degradação das matas ribeirinhas, onde era regularmente encontrado, se alimentando de insetos. O escritor reconta que, ainda na sua infância, no final da década de 1920, as florestas dessa região ainda estavam pouco perturbadas, os ribeirões ainda estavam revestidos de matas ciliares, ao longo de seu curso, e as caçadas eram apenas para a própria subsistência.

Entretanto, a partir da chegada dos imigrantes mineiros às imediações de Anápolis, a devastação passou a se acentuar e o impacto do homem sobre a natureza também. Uma das mudanças foi a retirada de quase toda a cobertura vegetal, segundo informa:

Depois que os da cidade invadiram as roças, pouco a pouco os peixinhos nos ribeirões foram sumindo, se extinguindo. Essa gente veio com outros preceitos. Tiram os matos da beira dos cursos d'água, os barrancos se quebram, os remansos assoreiam com as águas atalhando as curvas e correndo rápidas. Depois, veio o veneno aplicado a torto e a direto nos pastos e nas lavouras – acabou com tudo. (Bernardes, 1986, p. 141).

Os impactos da expansão humana sobre o Mato Grosso Goiano não ficaram limitados às interferências diretas sobre a vegetação. O relato de Carmo Bernardes ainda expõe uma outra ameaça à biodiversidade local trazida a partir da intensa ocupação do entorno de Anápolis: a chegada da abelha-europa (*Apis mellifera*), uma espécie invasora altamente

agressiva, às florestas da região, em 1927. Segundo o autor, essas abelhas se dispersaram com a ampliação da Estrada de Ferro, a partir de Roncador, onde os enxames eram criados pelos ferroviários. Ele descreve o impacto que sua presença ocasionou na localidade:

Descobriram a mata virgem, sem o bicho homem para furtá-las na fartura de mel que ela faz. Em pouco tempo, a abelha d'europa tomou conta ocupou todo oco de pau que existia, acabou com o silêncio das brenhas com o seu zum-zum artordoante. (Bernardes, 1986, p. 65).

A ampla invasão das abelhas exóticas no Mato Grosso Goiano não suscitou apenas riscos à população rural, que desconhecia as técnicas de manejo, mas principalmente à fauna da região, que teve seu nicho ocupado pela invasora. As abelhas nativas, sem ferrão, foram as mais perturbadas pelas abelhas europeias, num processo de competição não apenas pelos ocos de árvores, onde se instalam, mas também pelas florações de plantas. De acordo com Carmo, até algumas espécies de aves, sobretudo os pica-paus e periquitos, ficaram prejudicados pela falta de cavidades arborícolas:

Ao tomarem os ocos dos paus, não só deslocaram as outras famílias de abelhas que ficaram desarvoradas, sem ter onde morar, e com isto se extinguíam, mas desacomodaram também os pica-paus e muitos outros viventes que se abrigavam no oco. (Bernardes, 1986, p. 66).

Não resta dúvida, a partir da narrativa memorialista de Carmo Bernardes, da natureza imprudente do processo de ocupação e degradação das terras do Mato Grosso Goiano, ao qual o autor constantemente se refere, fazendo uso de adjetivos lúgubres, como forma de externar sua desesperança. A imigração de milhares de famílias de diversas partes do país para aquela região, entre as décadas de 1930 e 1950, favorecida pelos incentivos do governo ao povoamento e aumento da produtividade das terras, viria a impulsionar uma devastação sem limites da floresta que outrora ocupava mais de 40.000 km² de superfície, alcançada, conforme o escritor, pela “febre dos loteamentos urbanos” (p. 196).

Em menos de vinte anos, os mineiros jogaram no chão, com seus machados e suas foices afiadas, deixando apenas aqui e acolá uma pequena reserva para tirar uma madeira e outra, não só os cinco mil hectares da fazenda de Antônio Dâmaso, como a mancha inteira do chamado Mato Grosso Goiano [...], hoje reduzido a invernadas de capim jaraguá, criando bois em benefício de umas poucas centenas de pecuaristas [...] (Bernardes, 1986, p. 165).

Carmo Bernardes foi testemunha, ao longo do século XX, e do período que morou no entorno de Anápolis, do destrutivo processo de desmatamento, somado à substituição das práticas rudimentares pelas tecnologias, o loteamento de vastas extensões de terras antes conservadas, o aumento da caça predatória, que dizimou diversas espécies da fauna, e a ampliação sem precedentes do êxodo rural, que, em suas próprias palavras, “hoje é uma estrada larga só de vinda” (p. 159). Diante de todo esse cenário, descrito em pormenores em sua autobiografia, na qual esboça verdadeiro quadro sociológico e geográfico de um período histórico, Carmo arremata: “ninguém vai acreditar, mas eu digo: vi que as abelhas e os bichos se escasseavam e senti que um dia iriam se acabar.” (p. 68).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme discutido na seção preambular do presente estudo, a literatura regionalista que se desenvolveu no Brasil, especialmente no último século, marcada por uma narrativa que fundia elementos ficcionais a um contexto da realidade, insinuando-se pela prosa memorialista, atuou como um importante registro da situação de uma região em um certo período de tempo. O uso de símbolos e percepções, somado ao enaltecimento da prosódia e da linguagem local, contribuiu para a revelação do cotidiano de uma sociedade, muitas vezes “isolada”, tanto geográfico como politicamente, do restante da nação.

Nesse contexto, a literatura memorialista de Carmo Bernardes, por seu estilo narrativo particular, e por resgatar informações sobre o povo de uma época, seus costumes, hábitos e, sobretudo, a paisagem, é posta em relevo, atuando como um testemunho (Oliveira; Machado, 2006; Santos, 2007; Olanda; Almeida, 2008; Oliveira, 2016). Carmo era, à luz de sua vivência rural e de seu conhecimento empírico, notável conhecedor da natureza a que esteve sempre vinculado, descrevendo com propriedade os cenários naturais do território goiano, bem como seus habitantes: plantas ou animais.

O extenso conhecimento de Carmo Bernardes sobre o meio natural, adquirido em suas recorrentes andanças, caçadas e pescarias, ensejou que o autor retratasse com pormenores os detalhes sobre diversas paisagens do Brasil central, entre elas o Mato Grosso Goiano, onde o escritor residiu durante mais de vinte anos. Em suas lembranças, ele descreve

importantes aspectos sobre o cotidiano, a biodiversidade e a população da região, frente à floresta imensa e pouco perturbada que ia sendo pouco a pouco degradada, e os impactos dessa ocupação sobre os pequenos grupos que dela tiravam seu sustento.

O Mato Grosso Goiano é um dos ecossistemas mais singulares do vasto domínio fitogeográfico do Cerrado, correspondendo, em síntese, a um “enclave intersticial” de florestas tropicais em meio ao cenário descampado e ao clima subúmido do interior do Brasil (AB’SABER, 2003; GRAEFF, 2015). Tendo uma vez ocupado uma superfície superior a 40.000 km², numa área que ia desde o norte de Goiânia até a região de Ceres, essa floresta se extinguiu até o final do século XX, com a extensa antropização da região. O “Mato Grosso” só foi investigado pela ciência, - e, ainda assim, de maneira reduzida - em meados da década de 1940, quando já estava adiantadamente desflorestado. Dessa forma, muitas informações valiosas sobre essa paisagem se perderam, visto que os poucos testemunhos sobre as características da vegetação em seu estado primevo restam apenas nos relatos breves e poucos minuciosos dos antigos viajantes (Dutra e Silva, 2017).

O relato de Carmo Bernardes, publicado na obra “Quarto Crescente – Relembanças” (1986), sobleva-se como mais uma fonte de consulta e pesquisa sobre alguns aspectos da antiga paisagem do Mato Grosso Goiano, em virtude da riqueza de informações que traz sobre a fauna e a flora, bem como as sociedades rurais que nele viviam, e sua relação de subsistência e vinculação com a terra. Como antigo morador dessa região, e entusiasta no conhecimento sobre a natureza, Carmo teve a oportunidade de obter conhecimentos sobre este ecossistema em estado pouco perturbado, assistindo as destrutivas intervenções humanas e a luta pela sobrevivência coletiva, que expõe em sua narrativa.

Através das menções aos nomes e hábitos de diversas espécies de animais, muitas das quais já desaparecidas localmente; à utilidade de plantas nas práticas fitoterápicas, e das madeiras de grandes árvores na fabricação de diferentes itens do cotidiano sertanejo; aos nomes de rios, acidentes geográficos e características do solo e das demais divisões da terra, Carmo Bernardes extrapola a abordagem regionalista e instaura grande contribuição ao conhecimento científico, condensando-a numa apresentação sociológica e histórica, e, acima de tudo, estilística, arrolada ao exotismo da linguagem própria da região.

Em última instância, o relato do escritor evoca o apelo ecológico e conservacionista, próprio dos autores engajados de sua época e, neste caso, voltado para a paisagem peculiar

do Mato Grosso Goiano, tão intensamente desfigurada pelas atividades humanas, que foi levada à complexa extinção. Como um precursor da corrente dita “ecologista” ainda no último século, Carmo Bernardes valoriza o Cerrado em sua complexidade ecossistêmica, denunciando os irreversíveis danos a ele causados, decorrentes do controverso progresso da civilização. Essa noção, embutida em seus textos, reascende à identidade e à memória das populações tradicionais, que nutriram grande senso de pertencimento a essa região, e pela qual o autor nunca deixou de manifestar sua defesa e afeição.

Conforme salientado por Santos (2007, p. 129), Carmo Bernardes fez de sua poética um meio de manifestação da luta pelo Cerrado e por tudo que ali respira. Não precisou se expor em passeatas ou movimentos alarmantes, nem acorrentar-se a torres: ao contrário, sua defesa pelo Cerrado, diligente e silenciosa, começou pelo processo de conhecimento desse lugar romântico e enigmático que descobriu ainda na infância.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, Aziz Nacib. *Contribuição à geomorfologia da área dos cerrados*. 1963, Anais.. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1963.

AB'SABER, Aziz Nacib. *O domínio dos cerrados: introdução ao conhecimento*. Revista do Serviço Público, Brasília, v. 111, n.4, p. 41-55, 1983.

AB'SABER, Aziz Nacib. *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. 1ªEd. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 160 p.

ALMEIDA, Nelly Alves de. Regionalismo; Carmo Bernardes. In: *Estudos sobre quatro regionalistas*. Goiânia: Editora UFG, 1985.

ARAÚJO, Miryam Moreira Mastrella de. *O mundo imaginado, mas nem tanto, de Carmo Bernardes*. 2009. 164 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

BARBALHO, Maria Gonçalves da Silva; DUTRA E SILVA, Sandro; GIUSTINA, Christian Della. Avaliação temporal do perfil da vegetação da microrregião de Ceres através do uso de métricas de paisagem. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 35, n. 3, p. 472–487, 2015. DOI: 10.5216/bgg.v35i3.38837.

BERNARDES, Carmo. *O gado e as larguezas dos gerais*. Dossiê Cultura Popular, Estudos Avançados, n.9, vol. 23, 1995. DOI: doi.org/10.1590/S0103-40141995000100004

- BERNARDES, Carmo. *Força da Nova (relembrações)*, Goiânia, Cultura Goiana, 1981.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 50ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2015.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*. In: A educação pela noite: e outros ensaios. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2000. p. 140-62.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 113-114.
- DUTRA E SILVA, Sandro. *Os estigmatizados: distinções urbanas às margens do rio das Almas em Goiás (1941 – 1959)*. Tese (Doutorado em História), Universidade de Brasília, 2008.
- DUTRA E SILVA, Sandro; BARBALHO, Maria Gonçalves Silva; FRANCO, José Luiz de Andrade. *Expansão sucroalcooleira e a devastação ambiental nas matas de São Patrício, microrregião de Ceres, Goiás*. História, histórias. Brasília, vol. 1, nº 1, 2013.
- DUTRA E SILVA, Sandro; FRANCO, José Luiz de Andrade & Drummond, José Augusto. *Devastação florestal no oeste brasileiro: colonização, migração e a expansão da fronteira agrícola em Goiás*. Revista de História Iberoamericana, n. 8, vol. 2, 2015, p. 10-31
- DUTRA E SILVA, Sandro. *No Oeste, a terra e o céu: a expansão da fronteira agrícola no Brasil central*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017. 304 p.
- FAISSOL, Speridião. *O “Mato Grosso de Goiás”*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Conselho Nacional de Geografia, 1952.
- FEIJÓ, Anderson, PATTERSON, Bruce, & CORDEIRO-ESTRELA, Pedro (2018). *Taxonomic revision of the long-nosed armadillos, Genus Dasypus Linnaeus, 1758 (Mammalia, Cingulata)*. PLoS ONE, n. 13, vol. 4, 2018.
- GIUSTINA, Christian Della.; DUTRA E SILVA, Sandro; MARTINS, Elder de Souza. *Geographic reconstruction of a Central-West Brazilian landscape devastated during the first half of the 20th century: Mato Grosso de Goiás*. Sustainability in Debate, vol. 9, n. 3, p. 44–63, 2018. DOI: 10.18472/SustDeb.v9n3.2018.18588.
- GLAZIOU, Auguste. *Plantae Brasiliae centralis a Glaziou lectae, Liste des Plantes du Bresil Central recueillies en 1861-1895 (Mem. Soc. Bot. France 3. 1905-1913)*. 1895.
- HUECK, Kurt. *As florestas da América do Sul: ecologia, composição e importância econômica*. São Paulo: Polígono; Brasília, DF: UnB, 1972.
- JAMES, Preston. Trends in Brazilian Agricultural Development. Geographical Review, n. 43, vol. 3, p. 301-328, 1953.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura*. 1997, Anais.. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.

LIMA, Solange Terezinha de. *Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a percepção da Paisagem*. In: Geosul. Florianópolis, n. 15, vol. 30, 2000.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueredo. *O Mapa e a Trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002, p. 14.

UBIRATAN DE MOURA, José; FRANCO BUCCI, Roberto Luiz. *Aspectos geográficos das micro-regiões do Mato Grosso de Goiás, Meia Ponte, Sudeste Goiano e Planalto Goiano*. Boletim Goiano de Geografia, Goiânia, v. 1, n. 02, p. 61–94, 2009. DOI: 10.5216/bgg.v1i02.4750.

PAUL, Junia. *A recriação do universo goiano por Carmo Bernardes nos contos de A ressurreição de um caçador de gatos*, 2008, 180 p. Dissertação de Mestrado em Estudos Românicos. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Regionalismo. Prosa de ficção (de 1870 a 1920) - História da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte; Ed. Itatiaia, 1988.

PESSOA, Jadir de Moraes. *Sertão-Saber: aprender e ensinar na literatura goiana*. In: Universidade e Sociedade. Ano VI, n. 11, São Paulo, junho, 1996, p.163-167.

POHL, Johann Emmanuel. *Viagem no interior do Brasil*. São Paulo: Itatiaia, 1976.

OLANDA, Diva Aparecida Machado e ALMEIDA, Maria Geralda de. *A Geografia e a Literatura: uma reflexão*. Revista Geosul, Florianópolis: UFSC, v.23, n.46, p.7-32, jul./dez. 2008

OLIVEIRA-FILHO, Ary.; RATTER, J. A. *A study of the origin of central Brazilian forests by the analysis of plant species distribution patterns*. Edinburgh Journal of Botany, Edinburgh, v. 52, p. 141-194, 1995.

OLIVEIRA, Luciene Correia Santos.; MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Os povoados goianos em Carmo Bernardes* In: CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, III, 2006, Goiânia.

OLIVEIRA, Antonio Miranda de. *O mundo rural na literatura regional de Goiás e Tocantins*. Barú, Goiânia, vol. 2, n. 1, p. 93-111, 2016.

RIBEIRO, José Felipe; WALTER, Bruno Machado Teles. (2008) *As principais fitofisionomias do Bioma Cerrado*. In: Sano, S.M., Almeida, S.P. and Ribeiro, J.F., Eds., *Cerrado Ecologia e Flora*, Planaltina, p. 152-212.

RIZZINI, Carlos Toledo. *Tratado de Fitogeografia do Brasil: aspectos ecológicos, sociológicos e florísticos*. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural Edições Ltda., 1997

RIZZO, José Ângelo. *Percurso de dez naturalistas*. Goiânia, Editora UFG, 2005.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de Goiás*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

SANTOS, Márcia Pereira dos. *Relembrações em minguate: interpretação biográfica da obra de Carmo Bernardes*, 2007. 176 p. Tese (Doutorado em História) - Pós-Graduação em História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita”, Franca-SP, 2007.

SOUZA, Maria Helena. de. *A obra de Carmo Bernardes: arte e fonte de pesquisa*. Signótica, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 171–180, 2009. DOI: 10.5216/sig.v1i1.7203.

TELES, Gilberto Mendonça. *O conto brasileiro em Goiás*. Coleção Goiânia em prosa e verso, 2ª Edição. Goiânia: Editora UCG, 2007. 206 p.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 1998. 462 p.

WÜST, Irmhild. *Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás: tentativa de análise espacial*. Criciúma: UNESC, 2019. 524 p.

Recebido em 15/10/2023

Aceito em 15/10/2023

Publicado em 26/01/2024